

TERRAS AMERICANAS: CRÓNICA E IMAGENS

ISABEL ARAÚJO BRANCO*

Descrição geral do Reino do Peru, em particular de Lima é um documento histórico importante, mas também um riquíssimo texto do ponto de vista literário. Inserindo-se na Literatura de Viagens, serviria objectivos de ampliação de negócios de mercadores europeus. Está, pois, repleto de dicas comerciais, de transporte e de comunicação, como é particularmente evidente na listagem final.

«Daqui se vai por terra a Guayaquil. Há muitos lugares de índios pelo caminho e bosques e muita solidão», lemos no texto. Este é um exemplo, entre muitos outros, da riqueza das imagens apresentadas na *Descrição...* Um caminho repleto de arvoredos e solidão, marcado pela natureza e afastado da presença humana, impondo-se perante o visitante. Não se trata do «inferno verde» de *La vorágine*, do venezuelano José Eustasio Rivera, ou de *A selva*, do português Ferreira de Castro, mas remete para o mesmo mundo, pela identificação desse elemento da realidade americana. Aliás, a plasticidade da escrita é uma das características do texto, recorrendo com frequência às comparações e imagens que lhe conferem vivacidade e que permitem que se desprenda de uma mera descrição de carácter comercial: os rios são atravessados por balsas que se assemelham a peixes; há planícies imensas que, «de longe, um homem parece tão grande como uma torre e um pássaro tão grande como um homem»; os pedreiros sentem nos montes «as mesmas revoluções que no mar provam os que de novo entram nele»; o terramoto de 1609 deixou quinhentas casas abertas «como uma romã»; as montanhas são «tão altas que parece que atingem o céu»; o gigantesco Maranhão, visto de cima, «parece um pequeno rio». São estes elementos que tornam algumas

* Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos (NEIIA – FCSH/NOVA) e membro do projecto Diálogos Ibéricos e Ibero-Americanos do Centro de Estudos Comparatistas (CEC – FLUL). Bolseira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia/Ministério da Educação e Ciência.

passagens quase poéticas. Noutras temos um tom cómico. Por exemplo, os *criollos* são chamados «pão e mel» devido à grande quantidade destes produtos que consomem. Em algumas ocasiões, encontramos descrições quase cinematográficas, em que nos sentimos mais espectadores do que leitores, projectando as palavras e criando uma imagem mental, como acontece na cena da gruta e os movimentos dos macacos na copa das árvores:

«Nestes penhascos faz-se uma grande concavidade, onde dormem as gentes e se ouve o grande estrondo do rio, que aturde os que ali dormem. Bem podem dormir doze homens sob esta penha, cada um em sua enxerga, e acende-se fogo, pois que todos levam lenha e carvão, e muito de comer e melhor de beber, já que nesta montanha não se acha nem lenha nem que comer. Quando passa muita gente, os criados e gente de serviço e as cavalgaduras, dormem sobre a neve.»

«Todo o rio está coberto de bosques muito altos, verdes e cerrados, sobre os quais andam muitos macacos e micos, de muitas e diferentes espécies. Quando querem passar de uma parte do rio à outra, procuram as árvores que mais juntas se encontram, seguram-se às caudas ou rabos uns dos outros e, deixando-se pendurar das árvores e dão-se um vaivém, o que está à frente agarra-se à árvore, e assim vão passando todos os que querem, sem se largarem até que se achem a salvo. E fazem mil burlas e momos às gentes que por ali navegam, atiram-lhes paus, e é tanto o estrondo e os gritos que dão, que parece que afundam aqueles bosques, muitos ladram como cães, e há alguns tão grandes como burricos.»

«Outras índias, que não querem ou não têm que gastar, vestem um *anaco* de algodão, fechado dos pés ao pescoço e de ruim cor, sem mais camisa, nem calçado, nem touca, nem coisa semelhante. Andam com os pés no chão e o cabelo solto ao vento, que parecem uns diabos.»

Quase visualizamos as índias dos retratos rurais do escritor e fotógrafo mexicano Juan Rulfo, com os seus rostos marcados pela pobreza de séculos, passada de geração em geração, perpetuada na terra, nos corpos e nas mentes dos povos.

Como acontece regularmente neste tipo de crónica, o autor recorre à comparação como recurso ilustrativo, de forma a ser compreendido por um leitor que desconhece a realidade americana. Daí afirmar, por exemplo, que os guanacos são «carneiros muito maiores que os nossos, mais altos e mais largos». Está sempre presente a perspectiva europeia – e, sem dúvida, eurocêntrica. Nenhuma visão é completamente nova, o olhar carrega o passado, a mentalidade, a ideologia, os objectivos de quem vê e interpreta. O desconhecido é incorporado no enquadramento linguístico e mental de quem vê. Como afirma Luís Filipe Barreto, «toda a descrição está limitada, não à extensão da realidade “retratada” (apenas uma condicionante), mas ao ângulo perceptual onde a escrita é formulada, ao código de interpre-

tação a que pertence o sujeito discursivo».¹ A comparação é, pois, recorrente. Hernández de Córdoba classifica a primeira cidade que visita na América como «el Gran Cairo». João de Barros, na sua descrição d'*O Descobrimento do Caminho da Índia*, faz um paralelo entre as cores de pele por ele conhecidas («A entrada do qual rio, depois que viram o gentio que habitava à borda dêle, deu grande ânimo a tôda a gente, pera quão quebrado o levava, tendo tanto navegado sem achar mais que negros bárbaros, como os da Guiné, vizinhos de Portugal.»²) Álvaro Velho, no *Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama à Índia*, utiliza diversas vezes a realidade portuguesa como termo de comparação («[...] e ali resgatámos um boi negro por três manilhas, o qual jantámos ao domingo; e era muito gordo, e a carne dele era saborosa como a de Portugal.»³) Também Fernão Mendes Pinto, em *Peregrinação*, remete a arquitetura oriental para a lisboeta: («Das duas principais povoações destas, atravessam duas ruas de mais de tiro de falcão cada uma, que chegam até aos aposentos do chaém, todas com arcos de pedraria cobertos por cima como os do hospital de Lisboa.»⁴)

A terra americana é aproveitável e rentável de muitos pontos de vista. Aliás, por diversas vezes, o território é apresentado como o mais maravilhoso do planeta, numa descrição que recorre com frequência a superlativos. Por aqueles lugares, não há animais peçonhentos, os frutos e vegetais são abundantes ao longo de todo o ano, os minérios são valiosos, o sal é retirado por quem dele necessita de forma fácil e gratuita e existem medicamentos naturais que curam as feridas. Está implícita uma comparação com a Europa, nomeadamente no que diz respeito ao clima: «Em nenhum sazão do ano faz frio nem os calores são tão grandes que, desde que o homem não saia ao sol, não lhe faz dano. [...] nunca se sente frio nem calor de noite, nem velhos nem meninos têm necessidade de se chegar alguma vez ao lume.» Devido às maravilhas da América, os europeus não regressam aos seus países:

«[...] diz-se quem vai ao Peru, de cem, não volta um, porque, para além da sua grande abundância e fartura, há nele poucos tributos, poucos direitos, poucas fronteiras, poucas alcavalas. Terra bem temperada e onde nunca se viu peste nem males contagiosos. As gentes socorrem-se muito umas às outras. Terra que quantos querem trabalhar ganham de comer e onde se dão grandes salários. [...] E são muito estimados os homens honrados e de confiança. Por estas razões não querem os homens regressar a Espanha – que voltar, em havendo dinheiro, fora coisa fácil.»

¹ Luís Filipe BARRETO, *Descobrimientos e Renascimento. Formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982, p. 59.

² João de BARROS, *O Descobrimento do Caminho da Índia*, 3.^a ed., Lisboa, Textos Literários, 1938, p. 39.

³ Álvaro VELHO, *Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama à Índia*, 3.^a ed., Lisboa, Agência-Geral do Ultramar, 1969, p. 11.

⁴ Fernão Mendes PINTO, *Peregrinação*, Vol. 1, Lisboa, Relógio d'Água, 2001, p. 348.

Trata-se de uma continuação da ideia de América como um paraíso ou semiparaíso terreno, presente já nos primeiros cronistas das Índias Ocidentais, nomeadamente no *Diário* de Cristóvão Colombo. «Crean Vuestras Altezas que es esta tierra la mejor e más fértil y temperada y llana y buena que haya en el mundo»⁵, escreve o Almirante, a 17 de Outubro, para reiterar, a 27 de Novembro, que «debajo del sol no me parece que las puede haber mejores en fertilidad, en temperancia de frío y calor, en abundancia de aguas buenas y sanas».⁶

No texto, encontramos referências a marcas do passado précolombino e ao processo de conquista, em geral de uma forma neutral, como se se tratasse de algo natural ou inevitável. Temos também uma descrição da sociedade americana e das estruturas administrativas, com alusão aos hábitos, ao mundo do trabalho, aos alimentos e às mentalidades, bem como a caracterização directa e indirecta das gentes que habitam o continente: europeus, *criollos*, indígenas e negros. Todos eles têm qualidades e defeitos, mas são descritos de uma maneira tão geral que se aproximam de personagens tipo, típicas, aliás, de alguma da literatura da época, em particular do teatro. Deparamo-nos com situações do quotidiano da colónia narradas de forma divertida (como as traições entre casais e outros problemas familiares) e comentários diversos que, com subtileza, revelam as opiniões do autor. É o que acontece na descrição do mosteiro de La Encarnación e dos costumes e acomodações das monjas. «Porém, sempre lhes falta o melhor», remata, sem mais. Noutras ocasiões, é mais directo, como na crítica aos *criollos* (não há «nenhum que se não tenha por cavaleiro») e na referência aos negócios dos funcionários, com que aumentam os rendimentos pessoais. Os frades são também visados, porque «são os que melhor se aproveitam no Peru, os que melhor sabem furtar, em bom romance». O tom moralizador é, na verdade, frequente.

O autor pode fazer estas e outras afirmações porque conta aquilo que conheceu durante a estada de quinze anos no território. Protege-se, portanto, no carácter testemunhal do texto e baseia aí a sua autoridade face ao leitor. A presença do «eu» é assídua, recordando situações que testemunhou e pessoas e lugares que conheceu. Os pormenores dados não permitem duvidar da *Descrição...*, mas, para convencer os mais cépticos, vai lembrando a sua condição de testemunha: «As uvas deste vale, depois de penduradas e guardadas em casa alguns dias, sabem a diversas coisas, umas vezes sabem, ao tacto, a amoras e ginjas, outras vezes a maçãs, marmelos, romãs e coisas semelhantes, isto é verdade infalível, porque o experimentei e ouvi outras pessoas que as comiam tratar desta coisa tão particular.»

⁵ Cristóbal COLÓN, *Los cuatro viajes del almirante y su testamento*, Ed. de Ignacio B. Anzoátegui, Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2002 (edición digital basada en la 10.ª ed. de Madrid, Espasa-Calpe, 1991) in www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=7976.

⁶ Cristóbal COLÓN, *Los cuatro viajes del almirante...*, cit.

Uma palavra ainda para o trabalho tradutório: procurámos ser fiéis ao texto, ao estilo do autor e às suas particularidades, anotando possíveis lusitanismos que, na tradução para português, naturalmente se dissipam. Optámos por assinalar alguns – não todos –, de forma a tornar visíveis parte destes casos para o leitor. É o que acontece com «bom», «porto», «novo», «feito» e «Santana», entre outros. Foram ainda uniformizadas ortograficamente palavras escritas de duas formas no original (provavelmente por erro do copista), com a actualização linguística que se impunha, excepto em referências geográficas e históricas. Decidimos também não traduzir vocabulário específico da área geográfica em causa, de modo a não confundir conceitos diferentes embora com equivalentes linguísticos, como acontece com «criollo», diferente do «crioulo» em português; ou palavras sem tradução corrente na nossa língua (como «chapelón», «locro», «lucuma» ou «guaruas»), explicando, contudo, o seu significado em nota-de-rodapé.